

# A INTERPRETAÇÃO HEIDEGGERIANA DA ALEGORIA DA CAVERNA DE PLATÃO

## 1 — Introdução

Ao ler a obra de Heidegger fica-se surpreendido ao verificar os numerosos estudos dedicados aos filósofos anteriores e boa parte desses tendo como tema os pensadores gregos.

Poder-se-ia ficar com a ideia de que o grande filósofo alemão seria também um historiador da filosofia. Todavia, a leitura atenta das suas obras leva-nos a considerá-lo não como um historiador que se preocupa apenas a destacar as doutrinas dos seus antecessores, mas sim a tomá-las como ponto de partida ou como oposição para apresentar com mais nitidez o seu próprio pensamento — a filosofia heideggeriana. Assim a História da Filosofia para Heidegger não é de forma alguma compartimento estanque e mera erudição, mas sim algo de instrumental, recolha de materiais para a meditação filosófica. Mas como notam alguns dos seus críticos, nesses estudos, fala muito mais o pensamento heideggeriano do que o dos filósofos que ele estuda<sup>1</sup>.

Considerando, todavia, que em boa parte essa opinião é válida, parece que não pode deixar-se de levar em linha

---

<sup>1</sup> Atitude análoga à de Aristóteles, para citarmos um filósofo da Antiga Grécia, que embora passando por historiador da Filosofia, estuda os seus antecessores em vista da sua própria filosofia.

de conta as suas investigações. E é nessa direcção que decidimos apresentar uma das interpretações do platonismo que está contida em «A doutrina de Platão sobre a Verdade» publicada em 1942<sup>2</sup>. É um pequeno estudo em que Heidegger analisa a célebre alegoria da caverna de Platão<sup>3</sup>.

## 2 — Resumo da Alegoria

Apresentamos agora, resumidamente, a alegoria da caverna, que surge logo no início do livro VII da República, para uma melhor compreensão da teoria de Heidegger<sup>4</sup>.

É Sócrates, principal interlocutor do diálogo, que a expõe a Glaucon.

Imaginemos homens no fundo de uma caverna, agrilhoados pelas pernas e pelo pescoço, tendo como única posição a imobilidade frente ao fundo da caverna. Ao longe, pelas suas costas, num ponto mais alto brilha um fogo. Entre o fogo e os agrilhoados um caminho, ao longo do qual se encontra um muro.

É por esse caminho que passam homens transportando os objectos mais variados e alguns deles falando uns com os outros.

Na parede da caverna para a qual estão virados os prisioneiros projectam-se as sombras dos objectos, chegam até eles as vozes dos caminhantes. E assim, no mundo dos agrilhoados a realidade são as sombras por vezes acompanhadas por sons.

Eis a primeira fase da alegoria.

Mas se um dos companheiros se libertasse podendo mover-se e olhar para a luz, «todos esses movimentos o

<sup>2</sup> Seguimos a tradução francesa *La doctrine de Platon sur la vérité*, in «Questions», II, Paris, 1968.

<sup>3</sup> *República*, VII, págs. 514a-517a.

<sup>4</sup> As quatro fases em que está dividida a alegoria no resumo que se vai seguir, são as apresentadas pelo próprio Heidegger; *ob. cit.*, págs. 138-143.

fariam sofrer e a luminosidade impedi-lo-ia de olhar os objectos dos quais tinha visto constantemente as sombras».

Podemos supor as dificuldades que ele sentiria ao contemplar «os objectos mais reais», ou seja, aqueles que desfilam pela caverna e ao olhar para a própria fogueira.

A segunda fase, pois, consiste na passagem das grilhetas à liberdade, das sombras aos objectos.

Passemos agora à terceira fase da alegoria.

Força-se o antigo prisioneiro a sair da caverna para a superfície e a luz do dia.

Que sofrimento para ele o olhar para as coisas e suportar a luz do Sol!

Momentâneamente ficaria cego pelo esplendor da luz e, pouco a pouco, contemplaria durante o dia as imagens reflectidas na água e, de noite, as constelações e o firmamento. E por fim conseguiria olhar para o próprio Sol, concluindo que é ele que produz as estações, os anos e que governa tudo no mundo visível.

O antigo agrilhado trocaria a ciência assim obtida pelo conhecimento da caverna? Preferiria o mundo exterior ao seu antigo subterrâneo? As respostas às perguntas são evidentes: preferia todos os sofrimentos a reviver a antiga existência.

A alegoria não termina com a conquista da ciência e da contemplação dos objectos reais. Inicia-se agora a quarta e última fase.

Se este homem descesse à caverna para junto dos antigos companheiros, a passagem brusca da luz para a penumbra cegá-lo-ia e, quando falasse aos agrilhados do que tinha visto, estes não o acreditariam, opinião reforçada pelo facto do seu antigo companheiro não ter, neste momento, o seu olhar tão acostumado à penumbra como o dos agrilhados. E se pudessem deitar-lhe as mãos «eles matá-lo-iam certamente»<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> *República*, pág. 517a.

## 3 — A interpretação de Heidegger

Chegados a este ponto podemos perguntar o que pretende Heidegger desta alegoria e qual o método que ele vai seguir.

Eis as palavras textuais do pensador: «A «doutrina» de um pensador é o que permaneceu não formulado nas suas palavras mas ao qual o homem está aberto, «exposto»...

Se queremos extrair e também conhecer o que um pensador não disse, qualquer que seja a natureza, é necessário considerar o que ele disse. Satisfazer esta exigência obrigaria a levar em linha de conta todos os «diálogos» de Platão... Como isso é impossível, procuraremos outro caminho (...) O que permaneceu não formulado é um movimento, flectindo na determinação da essência da verdade»<sup>6</sup>.

Ora, o que é que nos mostra o «mito» da caverna?

A caverna é o mundo em que vive a humanidade, correspondendo a sua abóbada ao firmamento, as sombras ao que os homens chamam realidade. Mas por sua vez o Sol que brilha no exterior corresponde à Ideia das ideias, *ἡ τοῦ ἀγαθοῦ ἰδέα*. «As coisas visíveis por elas próprias são, no mito, a «imagem» das «ideias»<sup>7</sup>.

Platão pretende mostrar qual a condição do homem antes da subida, ente agrilhado e rodeado pela falsa evidência e, em seguida, a contemplação sim, da evidência ou seja do *εἶδος* ou *ἰδέα*.

Ora o mito conta uma história e não é somente uma descrição das estadias e condições do homem na e fora da caverna. De facto, os acontecimentos contados são passagens da caverna à luz do dia ou em sentido inverso, desta à caverna.

O que se manifesta no decurso desta passagens? Porque é que estes acontecimentos são tornados possíveis? O que é que está em causa nestas passagens?<sup>8</sup>

<sup>6</sup> *Ob. cit.*, pág. 121.

<sup>7</sup> *Ob. cit.*, pág. 133.

<sup>8</sup> *Ob. cit.*, pág. 133.

A estas perguntas vai Heidegger responder, ao tentar mostrar as relações entre a *παιδεια* e a *αληθεια*.

Vejamos, em primeiro lugar, como Platão nos apresenta um conceito de *παιδεια*, no seu mito da caverna.

*Παιδεια*, segundo Heidegger, é um termo dificilmente traduzível, é um caminho entre a *παιδεια* e a *παιδευσις*, isto é, a *παιδεια* define-se em relação à *απαιδευσις* ou seja a ignorância.

Mas Heidegger irá notar também que a *παιδεια* é simultâneamente um acto formador que vai imprimir ao «sendo» um determinado carácter, mas se essa formação ao imprimir um carácter «informa», é porque ela está em relação, ou melhor dizendo, está seguindo um modelo. É assim que o oposto de *παιδεια* é *απαιδευσις*, ou seja «o não formado».

Platão deseja afastar uma falsa interpretação e mostrar que a essência da *παιδεια* não consiste em despejar simples conhecimento numa alma não preparada, «como no primeiro vaso vazio que nos é oferecido»<sup>9</sup>.

Em resumo, poderemos dizer que a formação, «*παιδεια*», transfigura o próprio espírito, opera no âmago do seus ser, conduz «o homem ao lugar da sua essência»<sup>10</sup>.

Mas para Heidegger, existe em Platão uma relação estreita entre a formação e a verdade. A verdade, que em grego se diz *αληθεια*, não é, segundo Heidegger, a tradução exacta do termo grego.

*Αληθεια* é o «não-velado». «Nas suas origens, verdade significa: o que foi arrancado a uma ocultação». Assim *αληθεια*, é o «des-velar», é o «des-cobrir».

As quatro fases do mito que apresentámos já anteriormente são, para Heidegger, fundamentais para se compreender como no platonismo *αληθεια* se liga estreitamente à *παιδεια*. As três primeiras fases mostram a passagem

<sup>9</sup> *Ob. cit.*, pág. 135.

<sup>10</sup> *Ob. cit.*, pág. 135.

progressiva do menos verdadeiro para o verdadeiro, o que quer dizer que a ascensão vai desvelando progressivamente, até surgir perante o homem, o não velado. A quarta e última fase, que, segundo Heidegger, faz parte integrante do mito, ao contar-nos a descida do antigo agrilhado ao fundo do subterrâneo, é expressão clara de como o platonismo se preocupa com a *αληθεια*, com o desvelar perante aqueles que estão no mundo das sombras.

A seguinte passagem de Heidegger leva-nos mais profundamente à sua interpretação: «o não-velado é, sem dúvida, mencionado da mesma maneira que os seus graus diferentes, mas agora a questão é saber como, graças a ele, a coisa que aparece se torna acessível na sua evidência (*ειδος*), como torna visível o que se mostra desta maneira (*ιδεα*)»<sup>11</sup>.

A citação que fizemos de Heidegger conduz-nos à sua tese principal qual é a de mostrar não só que este mito da República trata da *αληθεια*, como também, em relação aos filósofos pré-socráticos se dá uma transformação deste conceito.

Para a dilucidação desse problema, Heidegger vai definir o que é a «*ιδεα*» e o que é o «Bem», ou seja a «Ideia das ideias». Quanto à primeira, escreve o pensador alemão: «A ideia é o puro facto de brilhar no sentido em que se diz que «o Sol brilha».

«A Ideia é o que tem o poder de brilhar. O ser da Ideia consiste em poder brilhar, em poder ser visível»<sup>12</sup>.

O bem é também uma Ideia, portanto é algo de luminoso, de brilhante. O Bem é a tradução de *τό αγαθόν* que, segundo Heidegger, significa o que é apto para qualquer coisa; «... a Ideia das Ideias é o que torna apto, pura e simplesmente»; e mais adiante conclui Heidegger: «o Bem

---

<sup>11</sup> *Ob. cit.*, pág. 145.

<sup>12</sup> *Ob. cit.*, pág. 146.

— pode ser designado por Ideia Suprema num duplo sentido — é a Ideia mais elevada como fonte de possibilidade e o olhar que se dirige para ela é o mais vertical e portanto o mais penoso»<sup>13</sup>.

Chegados a este ponto estamos aptos a destacar o que Heidegger entende como a doutrina de Platão sobre a Verdade.

*Αληθεια*, tal como era entendido nas suas origens vai agora ceder o passo à Ideia; esta está acima da Verdade. A conclusão a que Heidegger chega baseia-se nas relações entre o espírito e a ideia.

A Ideia, como já vimos, «é o poder de brilhar», é o poder de iluminar em toda a sua plenitude o «sendo».

Assim, a Verdade é a adequação correcta entre o espírito e a ideia. O conceito de Verdade é agora a exactidão entre o espírito e a ideia. Exactidão que em grego se diz *ἀρθότης*, e que em latim é a *adaequatio*.

Qual, portanto, o lugar da Verdade?

A única resposta que se impõe é que ela habita no entendimento. E para Heidegger este conceito percorre toda a filosofia ocidental. «Com efeito, o falso e o verdadeiro não estão nas coisas... mas no entendimento», dirá Aristóteles<sup>14</sup>.

Na Idade-Média, sobressai a posição de S. Tomás de Aquino «A verdade encontra-se pròpriamente no intelecto humano e no divino»<sup>15</sup>. E Descartes nas *Regulae* dirá «A verdade e a falsidade no sentido próprio destes termos não podem estar noutra lugar senão no intelecto»<sup>16</sup>.

As citações que Heidegger apresenta de alguns pensadores ocidentais servem para mostrar como a verdade se apresenta como adequação, como esta só se pode procurar no próprio entendimento e que a base desse conceito se encontra, pois, no platonismo.

<sup>13</sup> *Ob. cit.*, pág. 150.

<sup>14</sup> *Ob. cit.*, pág. 155.

<sup>15</sup> *Ob. cit.*, pág. 156.

<sup>16</sup> *Ob. cit.*, pág. 156.

O ponto fulcral da tese de Heidegger está apresentado, mas este vai tirar ainda duas conclusões solidárias entre si e que derivam do conceito de verdade no platonismo.

Platão apresentaria a sua filosofia com carácter metafísico, pois o pensamento tem de ir para além das próprias coisas, estas são apenas sombras ou imagens e o pensamento terá que subir até às ideias. Assim a ideia está *μετα*, isto é, está acima ou além. E no supra-sensível encontra-se a ideia de Bem que é a causa primeira, que é o divino.

A metafísica platónica é teológica, na medida em que apresenta como causa do «sendo» — Deus.

Mas o nascimento da metafísica é ao mesmo tempo o raiar do humanismo, na medida em que a metafísica platónica é orientada «pela preocupação do «ser» do homem e da sua posição no meio de tudo quanto existe»<sup>17</sup>.

«O Humanismo, segundo Heidegger, é o processo pelo qual o homem, em perspectivas sucessivamente diferentes, mas conscientemente, se coloca num centro do sendo sem ser todavia o sendo supremo»<sup>18</sup>.

Mutação da essência da verdade, início da Metafísica e do Humanismo, eis as conclusões a que Heidegger chega na sua interpretação da alegoria da caverna.

#### 4 — Considerações Finais

As conclusões a que Heidegger chega demonstram claramente o esforço de repensar a filosofia platónica, embora circunscrita ao início do Livro Sétimo da República. Esse repensar tentaria pôr a claro a influência platónica na filosofia ocidental, e mais ainda, a influência que se faria sentir na própria época contemporânea.

Chegados a este ponto algumas considerações parecem-nos pertinentes quanto à interpretação heideggeriana. Vejamos em primeiro lugar o tema da essência da verdade.

---

<sup>17</sup> *Ob. cit.*, pág. 160.

<sup>18</sup> *Ob. cit.*, pág. 160.



Para Heidegger, como tivemos ocasião de ver, a verdade surge como uma adequação entre o Espírito e a Ideia. Assim pois, a Verdade e o Erro encontravam-se na ligação entre esses dois polos. Todavia parece-nos mais complexo o problema levantado pelo pensador alemão. É que, segundo julgamos, a tónica deve ser posta na ideia de Bem e não exclusivamente na relação entre Espírito e Ideia. Neste aspecto, o Livro Sexto da República é pertinente ao mostrar que o Bem é como o Sol, enquanto este ilumina e faz crescer as plantas. O Bem ilumina não só as ideias como o próprio espírito, é algo que está para além das próprias essências e que lhes dá a existência e a essência<sup>19</sup>. Posto nestes termos, o problema muda de feição. Adequação do Espírito com a Ideia só é possível por uma estrutura em que esses dois polos estejam assentes, é essa estrutura que dá a clareza suficiente, ou seja, a inteligibilidade que vai permitir, portanto, a adequação de que Heidegger nos fala.

Em resumo, o esforço do Espírito para alcançar a Ideia só pode ser coroado pela Ideia de Bem, o que nos leva, portanto, a concluir que há uma condição imprescindível à formação do juízo. Assim, na essência da Verdade, a tónica, repetimo-lo, deve ser posta na Ideia Suprema, aquela que está para além das próprias essências.

Em segundo lugar, merece uma breve reflexão a tese de Heidegger que pretende ver no platonismo o nascimento do Humanismo, Humanismo esse que teria chegado até aos nossos dias como um critério de avaliação do próprio mundo. Não discutimos agora se a filosofia platónica teria desembocado numa metafísica e numa teologia; mas, se Heidegger afirma que o humanismo platónico leva em linha de conta o «sendo supremo», parece-nos estranho que seja o critério platónico que nos nossos dias avalie a realidade. Não estaremos muito mais próximos do humanismo dos sofistas, para quem a medida de todas as coisas é o Homem, o Homem desligado da Divindade?

---

<sup>19</sup> Cfr. *República*, VI, págs. 508d-509b.

Parece-nos que o humanismo contemporâneo, nas suas grandes linhas, toma como centro o Homem, é indiferente ao fenómeno religioso, abolindo, portanto, a teologia. O critério de avaliação terá logicamente de ser fornecido pelo próprio Homem e não pela Divindade.

Se existe, pois, um humanismo em Platão, tal como o define Heidegger, esse humanismo contrapunha-se fortemente ao dos sofistas. Mas aquele que vigora não é o do primeiro, mas sim o dos segundos.

Para terminar este pequeno estudo não queremos de forma alguma minimizar o esforço extraordinário do pensador alemão em ir às fontes donde brotou o pensamento ocidental, mas sim, quisemos, se foi possível, destacá-lo, embora com as reservas que fizemos nestas últimas linhas.

*Álvaro dos Penedos*